

DIFERENÇAS ENTRE REGIONALISMOS E GÍRIAS: UM RECORTE A PARTIR DO “PAULISTANÊS DICIONÁRIO”

Flavio Biasutti VALADARES¹
Pós-doutor em Letras/Mackenzie-SP
Doutor em Língua Portuguesa/PUC-SP
Docente do Departamento de Humanidades
IFSP/Câmpus São Paulo

RESUMO

O artigo propõe-se a discutir questões conceituais implicadas na publicação de gírias paulistanas em um dicionário *on-line*. Para tanto, seleciona alguns exemplos de termos dispostos no “Paulistanês Dicionário”, com vistas a analisar um problema conceitual quanto a variações diatópicas e diastráticas, presentes no instrumento linguístico. Como aporte teórico, utiliza a Teoria da Variação e Mudança Linguística de base laboviana. Na metodologia, vale-se de exemplos retirados do referido dicionário para engendrar a divergência conceitual que emerge dos itens ali dispostos. Conclui que os regionalismos paulistanos e as gírias paulistanas são ocorrências distintas em sua definição e que o “Paulistanês Dicionário” não os diferencia, podendo gerar uma distorção desses usos para os usuários que acessarem aquelas informações.

Palavras-chave: Variação Diastrática e Diatópica; Gírias; “Paulistanês Dicionário”.

Introdução

Em 2011², publicamos um artigo no qual revisitamos a noção de gíria, expondo sua conceituação e dicionarização, tendo sido identificados termos gírios que migraram para a linguagem comum/coloquial/informal; em 2014³, um outro artigo se pautou na análise de um dicionário *on-line* lançado pela Prefeitura Municipal de São Paulo, o “Paulistanês Dicionário”⁴, em que mostramos, a partir do *corpus* selecionado, por princípio conceitual, que se tratava de termos regionais, e não de gírias, como apresentara o referido dicionário.

¹ Endereço eletrônico: flaviovaladares2@gmail.com

² VALADARES (2011).

³ VALADARES (2014).

⁴ Disponível em <http://paulistanes.spturis.com.br/>

Para este artigo, avançamos com a proposta de análise dos termos gírios que o “dicionário” elenca, bem como com a retomada dos regionalismos da capital paulista ali publicados, a fim de discutir o desacordo conceitual do instrumento linguístico disponibilizado, de modo aberto para contribuições das mais variadas pessoas que acessam o *site*, ao propor como Paulistanês tanto termos regionais quanto gírios.

É importante destacarmos que a seleção de termos tipicamente paulistanos e o que cada um deles significa, como regionalismo, formam a base de investigação para nossa análise, à esteira conceitual de sua circunscrição diatópica; de outro modo, as gírias dispostas no “Paulistanês Dicionário” são abordadas com sustentação no conceito basilar como termo ou expressão decorrente da dinâmica social e linguística inerente às línguas, de caráter fechado e circunscrito a determinados grupos sociais.

Dessa maneira, a proposta é: i) reafirmar o regionalismo paulistano, mostrando a inserção de gírias como tipicamente de grupos sociais paulistanos, o que fundamenta nossa observação de equívoco conceitual ao confundi-los; ii) visualizar as diferenças entre termos regionais e gírias, especificamente, em relação ao “dicionário” utilizado como base de coleta de exemplos; e iii) estabelecer quais regionalismos ali estão postos como se fossem gírias, configurando tratamento conceitual contencioso entre variação diastrática e variação diatópica.

Breve reflexão sobre a conceituação de regionalismos e de gírias

Qualquer língua varia e muda, isso é natural, ocorre sempre e, fundamentalmente, é o que a torna viva e em movimento. Nesse aspecto, cada grupo sociolinguístico distingue seus usos dos de outros falantes, unificando seu conjunto de expressões e diferindo do conjunto que não é o seu. Isso acontece tanto quanto a regionalismos quanto a gírias.

Nessa perspectiva de entendimento, Silva e Moura (2000) estabelecem que a variação é inerente às línguas, porque as sociedades são divididas em grupos nos quais

há os mais jovens e os mais velhos, os que habitam numa região ou outra, os que têm esta ou aquela profissão, os que são de uma ou outra classe social e assim por diante. O uso de determinada variedade

linguística serve para marcar a inclusão num desses grupos, dá uma identidade para seus membros. (SILVA E MOURA, 2000, p. 27-28)

Nesse sentido, o léxico ganha uma dimensão essencial nesses processos de variação e mudança, uma vez que, conforme Biderman (1996, p. 27), ele é o “[...] lugar da estocagem da significação e dos conteúdos significantes da linguagem humana”; em outros termos, permite-nos afirmar que os grupos sociolinguísticos se organizam em torno de como estruturam essa significação e conteúdos, bem como de seu funcionamento, podendo gerar alterações, adaptações e novos empregos, ao relacionar a língua com os universos geográfico, social e cultural.

Ainda sobre léxico, Guerra e Andrade (2012, p. 230) atestam que ele “[...] situa-se numa intersecção linguística que absorve informações advindas de caminhos diversos, ou seja, da fonética e da fonologia; da semântica; da morfologia; da sintaxe e das situações comunicativas, ou seja, da pragmática”. Além disso, o léxico perpetua a herança cultural de uma sociedade por meio dos signos verbais, sintetizando aspectos da vida, dos valores e das crenças de uma comunidade social (BIDERMAN, 1996).

No que se refere a gírias, frisamos que seu conceito engloba um vocabulário especial, sendo considerado um signo de grupo, a princípio secreto, de domínio exclusivo de uma comunidade social restrita, como bem observa Preti (2006). Nesse ponto, destacamos que a união que os falantes de um grupo mantêm é o que fará da linguagem gíria um elemento identificador e diferenciará este grupo de outros grupos sociolinguísticos.

Para além, reafirmamos que as gírias são espécies de “códigos secretos” para um determinado grupo manter interações, o que conduz ao fechamento de sentidos para aquele determinado grupo. Contudo, ao se divulgar o que significa uma gíria, seja via mídia jornalística, seja via dicionários de gírias ou mesmo pelas redes sociais, ela perde seu efeito inicial de sigilo, podendo avançar para mais grupos e até mesmo se generalizar, conformando-se como linguagem informal (cf. VALADARES, 2011).

Por isso, corroborando Travaglia (2003), asseveramos que as variações sociais se configuram com inúmeras superposições e matizes, o que movimenta os dialetos sociais para uma maior dificuldade de serem definidos e classificados. De outra forma, os dialetos regionais carecem de tal dificuldade por terem sua construção feita sob bases

de usos que pressupõem uma disseminação mais abrangente, tendo sua limitação operada em termos linguístico-geográficos.

Conceitualmente, então, Biderman (2001, p. 14-15) explicita que “discutir a configuração dos regionalismos no âmbito de uma língua implica considerar a noção de norma regional e popular” e que “esses fatos linguísticos situam-se na esfera da variação lexical de natureza diatópica, ou seja, a variação que se processa no eixo horizontal ou espacial”. Nesse cenário, é importante atentarmos que um termo regional paulistano se caracteriza circunscrito ao espaço geográfico da capital, mas que pode se espalhar pela região metropolitana devido ao tipo de dinâmica que São Paulo apresenta quanto à circulação de seus habitantes.

Também, revela-se imprescindível observarmos que a norma lexical regional é um desafio pela própria diversidade lexical que caracteriza a variante brasileira da língua portuguesa, diversidade que decorre da história social que individualiza as diferentes regiões do Brasil em termos de processos de ocupação e de povoamento, de formação étnica da população e de características socioambientais que singularizam os diferentes espaços geográficos (ISQUERDO, 2006).

Por fim, citamos Labov (2008), para quem há uma dificuldade bastante acentuada em se delimitar o que é um grupo sociolinguístico, isto é, determinar o que constitui efetivamente uma comunidade de fala, sendo por ele salientado que o termo **comunidade de fala** não pode ser aplicado a um grupo de falantes em que todos utilizam as mesmas formas, mas, sim, a um grupo que segue as mesmas normas relativas ao emprego da língua.

Regionalismo paulistano e gíria do paulistano

Os dados retirados do “Paulistanês Dicionário”⁵, disponibilizado pela Prefeitura Municipal de São Paulo, em versão *on-line*, nos endereços eletrônicos <http://cidadedesaopaulo.com/paulistanes/> ou em <http://paulistanes.spturis.com.br/>, foram selecionados de acordo com a base conceitual adotada para a concepção de um

⁵ Retirados em 17/01/2021, descritos como constam no *site*.

regionalismo e para a caracterização de uma gíria, com o intuito de serem exemplos ilustrativos para a discussão proposta.

Antes, entretanto, explicamos que o “Paulistanês Dicionário” é uma iniciativa da Prefeitura Municipal de São Paulo com o objetivo de oferecer ao turista, principalmente à época da Copa do Mundo de 2014, termos/palavras/expressões tipicamente de São Paulo. Em seu prefácio, a São Paulo Turismo (SPTuris) traz:

Deste modo, aqui são faladas palavras e gírias únicas, provenientes desta grande variedade cultural que habita São Paulo. Por isso, para ajudar turistas e até mesmo curiosos da capital, fizemos o Pequeno Dicionário do Paulistanês, um compilado bem-humorado e descontraído de palavras e expressões locais pra você não ficar “boiando”.

Aqui, cabem algumas informações importantes: o “dicionário” foi lançado em 07 de fevereiro de 2014, continua disponível para acesso e contribuição de usuários para a inserção de termos/palavras/expressões tipicamente de São Paulo, é livre e, por isso, qualquer pessoa pode digitar qualquer texto que considere como sendo particularmente de São Paulo; em síntese, não há controle do que é postado quanto ao conceito técnico, sendo a chamada no prefácio feita com destaque para “aqui são faladas palavras e gírias únicas”, o que significa não haver preocupação conceitual quanto ao que ali é postado.

Sobre isso, não há a intenção, neste artigo, de questionar o modo como o *site* funciona, apenas tratamos das questões concernentes à abordagem técnica, amplamente pesquisada em programas de pós-graduação da área de Linguística e de Língua Portuguesa, acerca das variações diastráticas, em específico gírias, e das variações diatópicas.

Posicionados esses aspectos quanto ao “Paulistanês Dicionário”, iniciamos o enfoque no que respeita a regionalismos como um retrato da identidade cultural de uma região, sendo que seu emprego sinaliza a origem de seus usuários. Comumente, o sotaque torna-se mais perceptível, mas é no léxico que as identidades se organizam como grupo diatópico inserido em uma cultura sociolinguística⁶. À vista disso, os usos de palavras específicas para simbolizar determinadas maneiras de constituição da

⁶ Não estamos descartando questões de ordem morfossintática, semântica e pragmática, apenas concentrando-nos no aspecto lexical.

realidade fomentam a construção de uma história que individualiza determinada região, diferenciando-a das demais em seus espaços geográficos.

Dessa maneira, o que caracteriza a diatopia linguística ancora-se justamente nesse conjunto lexical — conhecimento comum apropriado pelos falantes e de onde o uma comunidade divisa o seu entorno, revelando valores e costumes. Dispomos, abaixo, um extrato desse conjunto, considerado próprio dos paulistanos:

Ah vá?!, bate-volta, bolacha, breja, carta, dois palito, farol, friaca, geladinho, guia, Ibira, magrela, Marronzinho, meo, mina, na real, padoca, pebolim, sussa, trampo.

Fonte: Paulistanês Dicionário

Os termos selecionados trilham um caminho de utilização que remete a uma identificação muito peculiar entre os paulistanos, de modo, inclusive, a haver um reconhecimento como alguém da capital paulista ao escutarmos uma pessoa utilizar tais palavras. Além disso, a percepção de que o sotaque promove um reconhecimento mais rápido como alguém sendo de uma mesma região, também, implica um outro aspecto crucial nesse processo diatópico tanto para quem compõe o grupo quanto para quem entra em contato com esse grupo, que é a entonação.

Nesse aspecto, por exemplo, uma pessoa que fale **Ah, vá?! e** que não utilize a entonação tipicamente paulistana, certamente, não obterá o mesmo efeito que o de uma pessoa nascida na capital paulista e que tenha a compreensão de como se constitui esse uso lexical, em um sotaque característico e com uma entonação específica. Em outras palavras, é nesse conjunto, então, que se constrói a identidade regional e que podemos cravar quando uma palavra ou expressão é um regionalismo.

Nesse ponto, ainda, é importante destacarmos que a entonação cumpre papel primordial, dado que ultrapassa o valor linguístico e, naturalmente, comunica as intenções pretendidas na interação, obtendo êxito nessa realização sociointerativa por garantir, devido à pertença ao grupo diatópico, que as relações sociopragmáticas, no âmbito cultural, estejam asseguradas.

Nos exemplos: **bate-volta, bolacha, breja, carta, dois palito, farol, friaca, geladinho, guia, magrela, meo, mina, na real, padoca, pebolim, sussa e trampo,**

identificamos, de fato, o acervo lexical como palavras empregadas em interações diversas, o que nos direciona a uma compreensão diatópica desses usos, com a circunscrição ao espaço paulistano.

Já para **Ibira** (redução afetiva de Ibirapuera⁷) e **Marronzinho**, inferimos como um processo de implementação, concebidas como variantes condicionadas por fatores socioculturais. Nesses casos, é possível entendermos como um encaixamento que ocorre no processo de mudança, observada a estrutura linguística e a estrutura social, em que o aspecto de avaliação projetado a partir do uso marca os efeitos da mudança tanto sobre a estrutura quanto acerca do emprego da língua, o que corrobora a noção conceitual de regionalismo como a que retrata a identidade cultural de uma região. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006).

Com esses exemplos selecionados do “Paulistanês Dicionário”, chegamos a uma primeira conclusão: a variação diatópica, na prática, congrega valores socioculturais que caracterizam um grupo, independentemente de classe social, escolaridade, idade, gênero ou qualquer outro fator externo à língua, ou seja, traz a seus usuários a pertença a um grupo social representado como de um espaço geográfico. Por conseguinte, inserir tais palavras/expressões como gírias não contempla sua dimensão conceitual, visto que se trata de um retrato geográfico e não de grupos sociais específicos, circunscritos.

Na outra ponta de debate, estão as gírias inseridas pelas pessoas que contribuíram com a adição de palavras/termos/expressões no “Paulistanês Dicionário”. Nesse caso, selecionamos alguns exemplos para ilustrar a discussão conceitual relativamente a como as gírias podem circular tanto em sua forma primeira — código cifrado — quanto em uma escala de disseminação com a descaracterização de signo grupal.

Inicialmente, é importante ressaltar que a língua, em seus processos de variação e mudança, está sujeita ao prestígio social quando da adoção ou não de determinadas formas e sua consequente implementação ou não, passando ao uso geral de modo mais

⁷ Ibirapuera é um parque, localizado na Av. Pedro Álvares Cabral, s/n - Vila Mariana, foi inaugurado em 21/08/1954 e possui 1.584.000 m². Segundo a página <https://www.saopaulo.sp.gov.br/conhecasp/parques-e-reservas-naturais/parque-do-ibirapuera/>, trata-se de um reduto dos paulistanos, sendo o mais importante parque urbano de São Paulo. Possui três lagos artificiais que são interligados e ocupam 1,6 milhão de m², ciclovia, 13 quadras iluminadas, pistas de corrida, passeio e descanso e áreas abertas para shows. Além disso, abriga prédios públicos, museus, planetário, o prédio da Bienal, ginásio de esportes, Museu do Presépio, Museu da Aeronáutica e do Folclore, o Obelisco, o Monumento às Bandeiras e o Pavilhão Japonês.

informal ou menos informal. No caso das gírias, é fundamental a compreensão de que, em princípio, seu caráter cifrado traduz um uso específico por uma comunidade também específica de usuários, dentro de determinado grupo sociolinguístico.

Em simultaneidade, com seu caráter naturalmente contestador e, por isso mesmo, com a tendência de acompanhar comportamentos de transgressão e/ou contestação dos padrões sociais vigentes, a gíria contribui para definir a identidade do grupo que a utiliza, funcionando como um meio de exclusão dos indivíduos externos a esse grupo, uma vez que costuma ser resultado de uma linguagem cifrada.

De outra forma, como esclarece Preti (2006), na atualidade, o maior desafio dos pesquisadores sobre gírias reside nesse *continuum* de um código secreto alçado a uma linguagem comum, informal, coloquial, já que há uma tendência a se descaracterizar o signo grupal pelos modos variados de divulgação, como em redes sociais. Diante disso, o caminho tende a ser o da dicionarização como linguagem informal quando o vocábulo se mantém em uso e passa a compor o léxico comum.

Valadares (2011, p. 39) explicita que “[...] é a comunidade linguística que legitima a validade de uso, de variação e de possíveis mudanças em nosso léxico, que elevam ao *status* de linguagem comum uma gíria”. E acrescenta que a passagem de grupo restrito ao emprego informal/comum/familiar demonstra que “[...] sua dicionarização como linguagem informal ratifica uma alteração por parte dos usuários em suas escolhas/seleções linguísticas, o que contribui para a ampliação do nosso léxico” (VALADARES, 2011, p. 39).

Além disso, como defende Preti (1989), a tendência de uso constante e crescente da gíria por grupos urbanos evidencia como esse vocabulário de origem e marca popular vem se movendo com menor restrição por contextos cultos e, muitas vezes, sendo bem aceito. Isso revela um movimento de receptividade dos vocábulos gírios a partir de um percurso que enfraquece gradativamente a resistência natural de falantes denominados cultos ao empregá-los em situações mais formais da linguagem falada ou escrita.

Também, o fato, de acordo com Preti (2006, p. 248), de “sua crescente aceitação dentro da cultura de massa e seu ingresso na norma linguística da mídia, nos casos de vocábulos que já perderam sua significação secreta de grupo, misturando-se à linguagem comum, favoreceu decisivamente a atenuação do preconceito”. Em outros termos, como aponta Trask (2004, p. 124): “[as gírias] costumam ser introduzidas por

membros de um grupo social particular; podem continuar sendo típicas desse grupo e servir como uma de suas marcas de identidade ou, ao contrário, tornar-se mais amplamente conhecidas e usadas”.

Observados esses aspectos em relação à gíria e sua constituição/construção de uso, ao divulgar gírias paulistanas, o “Paulistanês Dicionário” expõe usos que estariam restritos, o que pode remeter para a ideia de que quem ali postou uma gíria faça parte de tal grupo. Dessa forma, amplia a visibilidade dessas palavras/termos/expressões para quem acesse o *site*, isto é, compartilha formas de interação circunscritas, que adicionalmente podem funcionar para ampliar seus usos e retirar a principal característica de uma gíria.

A seguir, algumas das inserções realizadas no “Paulistanês Dicionário” como sendo gírias do paulitano:

Daora, Fritar, Fazer um corre, Já é, Mano, Miguelar, Mó cara, O bagulho é louco, Parça, Pode pá, Quebrada, Rolê/rolezinho, Se pá, Tá tirando?, truta.

Fonte: Paulistanês Dicionário

Nessa perspectiva, em exemplos como **daora, já é, mano, mó cara, o bagulho é louco, parça, quebrada, rolê/rolezinho, tá tirando?** e **truta**, podemos inferir que a circulação tem sido mais ampla, extrapolando grupos específicos, posto que registros em diversas mídias ocorrem, inclusive em telejornais. Já para **fritar, fazer um corre, miguelar, pode pá** e **se pá**, observamos como usos que tendem a circular menos em grupos diversos, sendo mais utilizados em grupos sociais específicos, como jovens adolescentes, ainda que circulem em redes sociais sem restrição específica de idade.

Nesse sentido, Valadares (2011, p. 40) explica que “[...] todas as expressões que fazem parte do cotidiano de um grupo, de um povo, de uma determinada região ou de um grupo social consistem em algo importante para a cultura [...]”, ou seja, no caso das gírias, como atesta Preti (1984), ao se difundir para a comunidade em geral e, conseqüentemente, sem uso diferenciado, assumindo uma espécie de forma comum, a gíria envolve-se em uma gama de possibilidades de aplicação para além dos amplos limites de um dialeto social popular, perdendo seu caráter de signo grupal.

Portanto, em nossa proposta, com base em exemplos selecionados do “Paulistanês Dicionário”, constatamos que as inserções realizadas por quem acessa o *site* e contribui com formas linguísticas ditas gírias, aparentemente, não possui o discernimento conceitual entre usos diatópicos e usos diastráticos. Desse modo, uma mescla de palavras/termos/expressões sinalizadas como gírias paulistanas tende a passar a compor o coletivo sociolinguístico de quem se vale das informações ali dispostas.

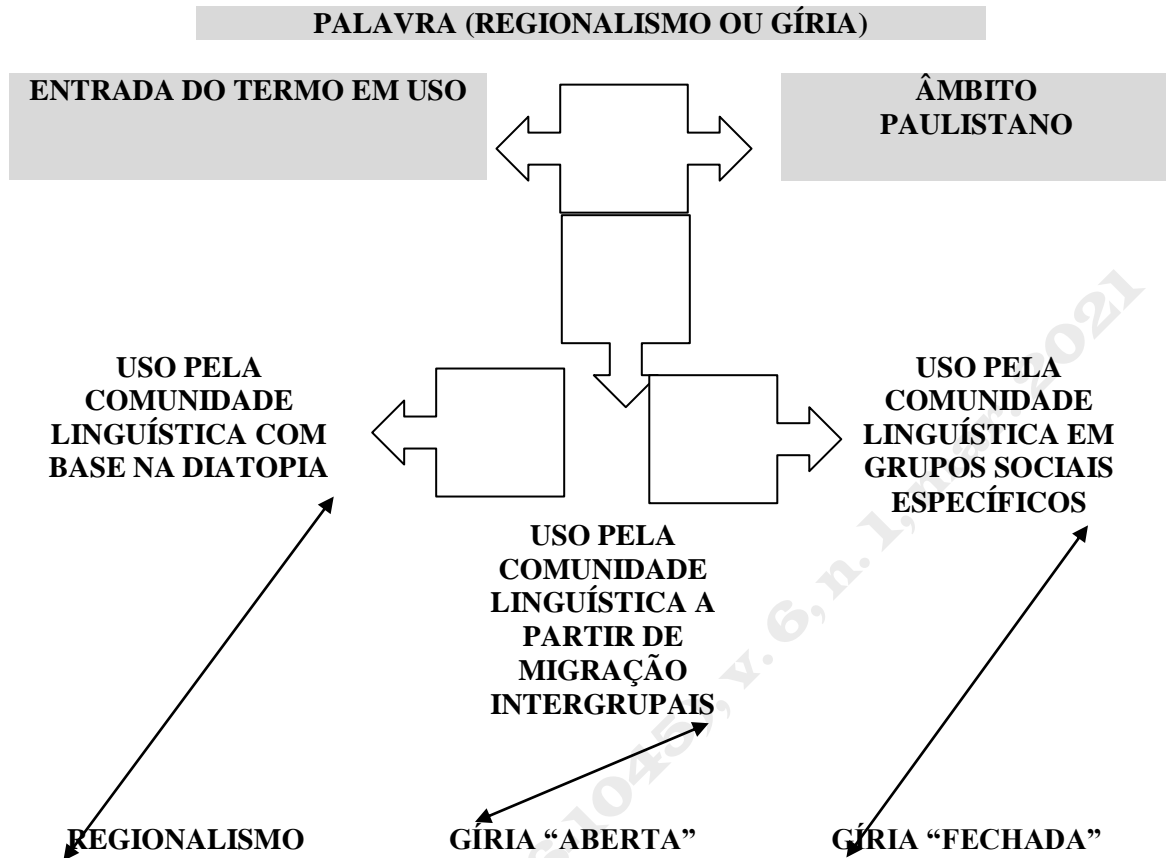
Conclusão

Neste artigo, a partir dos exemplos selecionados no “Paulistanês Dicionário”, disponibilizado pela Prefeitura Municipal de São Paulo, empreendemos, na perspectiva da Teoria da Variação e Mudança Linguística, de base laboviana, uma proposta de análise com vistas a mostrar as diferenças conceituais entre regionalismos e gírias, dispostos no referido instrumento linguístico como sendo um mesmo fenômeno linguístico.

Por esse ângulo, ao discutirmos as variações diatópicas e as diastráticas, em específico as gírias, apontamos que os regionalismos paulistanos e as gírias do paulistano são ocorrências distintas em sua concepção conceitual, do ponto de vista técnico, e que o “Paulistanês Dicionário” não diferencia essas noções, muito provavelmente por não se tratar de material lexicográfico em sua publicação/disponibilização. Com isso, gera uma distorção desses usos para quem acessa aquelas informações e delas se apropria.

Apresentamos, então, no quadro a seguir, elaborado por nós, uma síntese como finalização de nossas considerações:

Quadro 1



Fonte: Autor

Referências

BIDERMAN, M. T. C. Léxico e vocabulário fundamental. *Alfa: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 40, p. 27-46, 1996.

BIDERMAN, M T. C. **Teoria linguística**: teoria lexical e linguística computacional. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CAMACHO, R. G. **Da Linguística formal à Linguística social**. São Paulo: Parábola, 2013.

GUERRA, M. M.; ANDRADE, K. de S. O léxico sob perspectiva: contribuições da Lexicologia para o ensino de línguas. *Domínios de Lingu@gem: Revista Eletrônica de Linguística*, [s. l.], v. 6, n. 1, p. 226-241, 2012.

ISQUERDO, A. N. Brasileirismos, regionalismos e americanismos: desafios e implicações para a lexicografia brasileira. In: BERLINCK, R. de A.; GUEDES, M.; MURAKAWA, C. A. A. (org.) **Teoria e análise linguísticas: novas trilhas**. Araraquara: Laboratório Editorial FCL/UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006. p. 11-29. (Trilhas Linguísticas, 8).

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PRETI, D. A gíria na língua falada e na escrita: uma longa história de preconceito social. In: PRETI, D. (org.) **Fala e escrita em questão**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006. v. 4, p. 241-255.

PRETI, D. Norma e variedades lexicais urbanas. In: CASTILHO, A. T. de (org.) **Português culto falado no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 1989. p. 157-168.

PRETI, D. **A gíria e outros temas**. São Paulo: Edusp, 1984.

SILVA, F. da; MOURA, H. M. de M. **O direito à fala: a questão do preconceito linguístico**. Florianópolis: Insular, 2000.

TRASK, R. L. **Dicionário de linguagem e Linguística**. São Paulo: Contexto, 2004.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática**. São Paulo: Cortez, 2003.

VALADARES, F. B. Revisitando a noção de gírias: do conceito à dicionarização. **Domínios de Lingu@gem: Revista Eletrônica de Linguística**, [s. l.], v. 5, n. 1, p. 27-43, 2011. p. 27-43.

VALADARES, F. B. Paulistanês: uma análise na perspectiva laboviana. **VERBUM: cadernos de pós-graduação**, [s. l.], n. 6, p. 22-34, 2014.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

**DIFERENCIAS ENTRE REGIONALISMOS Y JERGAS:
REFLEXIONES EN TORNO AL “PAULISTANÊS DICIONÁRIO”**

RESUMEN

El artículo tiene por objetivo discutir los problemas conceptuales involucrados en la publicación de la jerga de São Paulo en un diccionario en línea. Para esto, selecciona algunos ejemplos de términos en el “Paulistanês Dicionário” con el objetivo de analizar un problema conceptual de variaciones diatópicas y diastráticas, presente en el instrumento lingüístico. Como aporte teórico, utiliza la Teoría de la Variación y el Cambio Lingüístico basada en Labov. En la metodología, utiliza ejemplos tomados de ese diccionario para engendrar

divergencia conceptual que surge de los ejemplos allí proporcionados. Concluye que los regionalismos paulistanos y las jergas paulistanas se tratan de ocurrencias distintas en su definición, sin embargo, el “Paulistanês Dicionário” no las diferencia, lo que puede generar una distorsión de esos usos para los que acceden a esas informaciones.

Palabras clave: *Variación diastrática y diatópica; Jerga; “Dicionário Paulistanês”.*

Envio: janeiro/2021

Aceito para publicação: fevereiro/2021

REGRASP (ISSN 2526-1045), v. 6, n. 1, mar. 2021